



A responsabilidade pela Justiça- o combate contra a pobreza em África

Queria começar por agradecer à direção do IV Encontro Nacional de Leigos por me terem convidado para falar hoje.

No entanto, tenho de dizer que a minha visita a Portugal é fruto de um milagre do Beato Álvaro del Portillo, o último Prelado do Opus Dei e primeiro sucessor de S. Josemaria, fundador do Opus Dei.

Eu tive o privilégio de assistir à beatificação do Beato Álvaro em setembro de 2014 em Madrid, Espanha. O itinerário do meu grupo do Quénia incluía uma peregrinação ao Santuário de Fátima no dia a seguir à beatificação. Mas nesse dia eu tinha 3 conferências de imprensa marcadas em Madrid, o que significava que eu não podia ir a Fátima com o meu grupo. Sentia-me feliz por poder estar disponível para as conferências de imprensa, durante as quais ia falar do meu trabalho no Kimlea, mas tinha uma “pedra no sapato” por não ir a Fátima... No final do dia, quando regresssei a casa, sentei-me a rezar, e na minha oração falei intimamente com o Beato Álvaro dizendo-lhe que ele e Deus deviam organizar-se para que eu pudesse ir a Fátima encontrar a minha Mãe Maria em algum dia da minha vida, antes de morrer. Portanto, a minha oração foi ouvida e eu estou extremamente feliz por estar aqui hoje.

A CNAL podia ter convidado qualquer outra pessoa de África para vir, mas a sorte caiu sobre mim e estou eternamente grata.

O Centro Kimlea para Raparigas no contexto do Quénia

Vamos agora voltar-nos para o assunto da minha comunicação, que é “Os desafios da esperança cristã em África para que a Justiça e a Paz possam ser construídas, e a minha experiência pessoal a lidar com as necessidades específicas do continente africano”.

Enquanto leigos fiéis à Igreja Católica, estou certa de que concordarão comigo que a maior parte do panorama apostólico na Igreja está mais nas mãos dos leigos do que nas do Santo Padre, dos Bispos ou dos padres. Isto acontece porque, se desenharmos um triângulo representando a hierarquia da Igreja, o Santo Padre está no topo do triângulo, os Bispos estão um pouco abaixo, depois a meio estão os padres, os religiosos e as freiras, enquanto que os fiéis leigos estão em baixo, na parte mais larga do triângulo. O Santo Padre, os Bispos, os padres, as freiras e os religiosos são, de longe, uma pequena percentagem do povo de Deus. Estas pessoas foram formadas no conhecimento da sua fé nos seminários e nos conventos, enquanto que a maioria dos leigos não recebeu necessariamente uma formação cristã. Eu acho que este é o primeiro e o maior desafio da Igreja em todo o mundo e talvez ainda mais em África, devido à falta de meios adequados. No entanto, se há uma coisa de que África se pode gabar é do crescimento da Igreja a uma velocidade impressionante.

Quando o mundo se estava a preparar para a visita do Papa Francisco à República da África Central e ao Quénia em novembro de 2016, a Irmã Suja Francis, membro das Filhas de Maria Imaculada, que trabalha em Juba, no Sudão do Sul, afirmou: “O foco de atenção está a voltar-se para a Igreja de

África, uma das mais inacreditáveis histórias na História da Evangelização. No início do século XX mal existiam 2 milhões de católicos no continente africano, e a maioria eram europeus que pertenciam ao poder que controlava quase toda a África. De acordo com um estudo feito pelo Centro de Investigação Aplicada do Apostolado, desde 1980 a população católica subiu 238 por cento, o crescimento maior que alguma vez aconteceu no mundo.”

A propósito da Igreja em África: a Irmã Francis refere-se a este fenómeno como “uma história de desafios e de esperança”. Ela disse isto depois de encontrar umas crianças dentro de um campo das Nações Unidas para refugiados. Os africanos têm um grande desejo de ouvir a palavra de Deus: damos atenção a Deus. Por exemplo, no Quênia nós temos cerca de 4000 denominações religiosas neste momento. Isto significa que se pode encontrar igrejas diferentes a poucos metros de distância dentro da mesma aldeia. O Quênia enquanto país tem 580,367 quilómetros quadrados, com uma população de 46,790,758 pessoas de 43 tribos (grupos étnicos) diferentes.

A minha experiência com o Kimlea

O Centro de Formação Kimlea é um projeto da Fundação Kianda, uma organização educacional *non-profit* que tem promovido a educação e o bem-estar das mulheres no Quênia desde 1961. O Kimlea começou em 1992 a dar formação a mulheres e raparigas para desenvolverem competências na forma de gerar rendimentos. Está situado a 30 km da cidade de Nairóbi, numa área dominada por grandes plantações de chá e de café. 75% dos trabalhadores das plantações são mulheres, que constituem o nosso grupo-alvo para todos os programas organizados no Kimlea, e 50% destas mulheres são o único elemento de ganha-pão nas suas famílias. Vieram de todo o país à procura de trabalho assalariado, em consequência de tumultos políticos – e pertencem a diferentes grupos étnicos. A maior parte não teve nenhuma educação formal, embora isto agora esteja a mudar no país, na medida em que a instrução primária se tornou gratuita e obrigatória.

Embora em teoria a lei preveja a igualdade entre homens e mulheres, em termos de tradição as coisas não se passavam assim e a cultura leva tempo a mudar. Há uma grande percentagem de absentismo dos pais nestas famílias. A mulher no Quênia é a coluna vertebral da família, é resiliente, cheia de expediente, e não desiste de procurar soluções para a sua família.

Os apanhadores de chá ou café ganham o equivalente a 2 euros por dia, um valor que não é suficiente para cobrir as necessidades básicas de comida, habitação e vestuário para uma família. Assim que as crianças têm a idade suficiente, começam também elas a apanhar chá para complementar o rendimento da família. Isto tem como consequência uma elevada taxa de desistência escolar, que cria um ciclo de pobreza e rouba a esperança no futuro aos jovens. É de notar que este setor da população não tem nenhuma segurança social ou médica.

Como é que o centro Kimlea lidou com estes problemas?

O Kimlea começou um programa de divulgação para estas mulheres. Algumas assistem a aulas de literacia, todas aprendem culinária, costura e aquilo a que nós chamamos competências de vida (basicamente, são virtudes humanas), bem como aulas de doutrina cristã para as que querem, uma vez que vêm de diferentes religiões. Este conhecimento permite-lhes fazer negócio e ganhar algum dinheiro extra, especialmente quando não há chá ou café para apanhar. Com o tempo, algumas delas fizeram disto a sua principal atividade, dando origem a pequenos negócios que ajudam a melhorar o nível de vida das suas famílias.



Como resultado, o Kimlea deu início a um Centro de Negócios para ajudar a profissionalizar os seus conhecimentos. Podem assistir a um programa de 2 meses, com duas tardes por semana. Para além de melhorar as suas competências, também aprendem contabilidade básica e gestão de negócios.

Muitas destas famílias tinham dificuldade em aceder a centros médicos. Para resolver este problema o Kimlea construiu uma clínica (CHEP).

Para além da formação oferecida às mulheres, o Kimlea oferece também um curso de 2 anos em “hospitalidade” para jovens raparigas que terminaram os seus estudos. Esta é uma alternativa à apanha do chá e do café. Para além das competências que aprendem e que lhes dão a oportunidade de virem a conseguir um bom emprego, as raparigas do Kimlea recebem uma formação global. Cada rapariga tem uma perceptora que a ajuda a desenvolver o seu carácter e todo o potencial que tem. Através das aulas de formação que recebem e da interação com a perceptora elas descobrem a sua dignidade como pessoas e como mulheres; são ajudadas a curar feridas que têm no coração – já que muitas experimentaram situações de famílias desfeitas, de abuso, doença... assuntos sobre os quais nunca falaram com ninguém. Em alguns casos também carregam consigo um coração pesado, incapaz de perdoar aos que lhes causaram sofrimento, e são precisas muitas sessões de perceptorado para aliviar os seus corações. No entanto, aos poucos elas “vêm ao de cima” e começam a ser capazes de sorrir e de socializar com as suas colegas.

Também temos um capelão na escola, que dá aulas de Moral às raparigas uma vez por semana e passa o dia a ouvi-las no confessional. É impressionante vê-las a fazer fila para falar com o Capelão (tanto católicas como não católicas), porque ninguém quer perder o conselho e o encorajamento que pode receber.

Até hoje já demos formação a mais de 20 000 mulheres e raparigas e temos imensas histórias incríveis de sucesso. Os sucessos mais compensadores são aqueles das verdadeiras transformações que vemos em muitos casos: do desespero à esperança, das famílias disfuncionais a um modo de viver verdadeiramente cristão.

As histórias de sucesso no Kimlea

Peris Gichuki: É a segunda de 6 irmãos e descobriu o Kimlea na sequência da crise das eleições de 1997. Teve formação entre 1998 e 2000; ficou empregada como professora assistente no Kimlea porque era a melhor da sua turma; com o seu pequeno salário de 100 euros por mês, conseguiu dar educação à sua irmã mais nova e a dois irmãos até ao nível universitário; começou um negócio de moagem de milho para os pais; pagou estudos para progredir na sua formação profissional. É a melhor professora no Kimlea e é perceptora para todas as estudantes que entram no Kimlea. Agora é casada e mãe de 4 crianças. Durante e depois da sua formação ela partilhava com as jovens da sua aldeia tudo o que aprendia no Kimlea em relação a virtudes humanas e cristãs. Sempre que alguém quer casar vai ter com a Peris para se preparar. No seu dia de casamento, as jovens queriam comprar-lhe um presente de casamento, mas ela disse-lhes que em vez de um presente material ela tinha um pedido a fazer-lhes: “Gostava que todas vocês viessem comigo à confissão no dia antes do meu casamento, para que no dia do casamento vocês possam todas fazer fila atrás de mim para irem à comunhão.” Algumas queixaram-se: “isso é muito difícil para nós” – a razão é que algumas delas estavam há muito tempo sem se confessarem. No entanto, quando chegou o dia todas foram confessar-se, e no dia do casamento da Peris todas comungaram. A Peris disse que esse foi o melhor dia da sua vida.

Uma outra aluna que também é um caso de sucesso é a **Verónica Kimani**. Ela fazia parte das 22

alunas que entraram no Kimlea no dia 2 de março de 1992 e foi uma das 12 que completaram a sua formação em 1993. A Verónica tem 9 irmãos e nasceu numa zona de plantação de café, a cerca de 12 km do Kimlea. Os seus pais ganham a vida a apanhar café e a Verónica sofreu muito durante o seu tempo de escola. Ela apanhava café aos fins de semana e nos feriados, para complementar os salários dos pais e assim poder pagar a comida e as propinas da escola. Quando ela entrou no Kimlea oferecemos-lhe o trabalho de limpeza da escola e de jardinagem durante os sábados e feriados, para poder pagar as suas propinas. Como ela não tinha dinheiro para pagar os transportes públicos, costumava trabalhar todos os dias antes e depois da escola, e nunca se queixava. No final da sua formação, começou um negócio de fabrico e venda de bolinhos. Continuou a ajudar os seus pais com aquilo que ganhava para que eles pudessem pagar a educação dos irmãos. Dois anos depois de começar a trabalhar casou-se. O seu negócio foi melhorando aos poucos, até ao ponto de poder empregar o seu marido na entrega das encomendas aos clientes. Após algum tempo decidiu tornar-se agricultora trabalhando no pedaço de terra que o seu sogro tinha dado ao marido. Ao mesmo tempo comprou duas vacas leiteiras, algumas galinhas e porcos. Fez esse trabalho até há cerca de 6 anos, quando se inscreveu num curso de consultadoria. Durante todo este tempo a Verónica foi sempre a “Patron of the Youth” (líder do grupo de jovens) na sua zona e tornou-se tão popular que tanto as jovens como alguns casais iam ter com ela para se aconselharem sobre problemas matrimoniais ou familiares. Há 3 anos o lugar de Chefe (autoridade local) da sua zona ficou vago e a comunidade encorajou-a a concorrer ao lugar. Foi a uma entrevista com 5 homens e conseguiu o trabalho. Ficou muito surpreendida por ter sido escolhida, porque normalmente este trabalho é feito por homens. Nessa altura ela estava grávida de 6 meses e achou que tinha de referir isso ao painel de entrevistadores, a fim de que não se opusessem quando tivesse que pedir licença de maternidade. O chefe do painel respondeu: “Você é casada, não é? Então não há nenhum problema em pedir a licença quando chegar a altura”. Agora ela é uma feliz mãe de 6 filhos.

Metrine Nafula tirou o curso do Kimlea em 1995. Entrou para o Kimlea depois de ter feito a escola primária e de ter trabalhado como empregada de casa durante 6 anos numa aldeia chamada Banana Hill, a 6 kms do Kimlea. O seu patrão financiou-lhe o curso no Kimlea, em agradecimento pelo bom trabalho que tinha feito e disse-lhe que ela poderia encontrar um trabalho diferente se completasse a sua formação. Assim que a Metrine acabou a sua formação, entrou como governanta no Convento das velhas e doentes freiras da Consolata. No entanto, ela não ficou muito tempo como governanta, porque uma das freiras identificou as suas fantásticas qualidades de liderança e os bons princípios morais que tinha recebido no Kimlea. As freiras deram início a uma creche e ofereceram a Metrine o lugar de assistente da Irmã que ficou encarregada da creche. Alguns anos depois essa Irmã adoeceu e acabou por morrer. As outras freiras indicaram a Metrine como sendo a pessoa certa para ficar encarregada da creche. Entretanto a escola cresceu e tornou-se também escola primária, para onde vão aprender muitos orfãos e filhos das famílias que trabalham nas plantações de chá e café daquela região. A Metrine é hoje em dia mãe de 3 rapazes e 1 rapariga.

Tal como a Peris, a Verónica e muitas outras, existem muitas ex-alunas do Kimlea que são hoje em dia a solução das suas famílias e que conseguiram quebrar o ciclo de pobreza, graças à sua formação no Kimlea. Como diz o ditado, “educa uma mulher e educas a sociedade”. É como o facto de que, se hoje dás um peixe a um homem, estás a alimentá-lo para esse dia, mas se o ensinares a pescar, estás a ensiná-lo para toda a vida. É isto que o Kimlea está a fazer com as mulheres e as raparigas de Kiambu County, no Quênia, num raio de 20 km. Se as famílias forem sustentadas com valores humanos e cristãos, todo o país terá paz e justiça.



cnal.pt
CONFERÊNCIA
NACIONAL
D
APOSTOLADO
DOS
LEIGOS

Frankie Gikandi

Conferência proferida no IV Encontro Nacional de Leigos «*Este é o Tempo para esperar contra toda a esperança, para trabalhar pela Justiça e pela Paz, para amar as pessoas, para amá-las uma a uma*», a 18 de novembro de 2017, em Viseu